



Estudos de Lingüística Galega

ISSN: 1889-2566

elgilg@usc.es

Universidade de Santiago de Compostela
Espanha

Becker, Martin

O Pretérito Perfeito Composto em diacronia – uma evolução perfeita?

Estudos de Lingüística Galega, vol. 8, 2016, pp. 25-43

Universidade de Santiago de Compostela

Santiago de Compostela, Espanha

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305646595002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O Pretérito Perfeito Composto em diacronia – uma evolução *perfeita*?

Martin Becker

Universidade de Colônia (Alemanha)
martin.becker1@uni-koeln.de

Recibido o 13/01/2016. Aceptado o 05/06/2016

Resumo

Neste artigo apresentamos o nosso estudo sobre a evolução semântica do Pretérito Perfeito Composto (PPC) na língua portuguesa, exemplo significativo de um processo de mudança linguística atípico, que contrasta fundamentalmente com o processo de gramaticalização regular, reconstruído para o perfeito nas outras línguas românicas. Analisamos, não somente as diferentes etapas, assim como os princípios semânticos na base deste processo, mas situamos também as evoluções dentro do modelo de Geeraerts exposto na sua importante obra sobre “a semântica do protótipo diacrônica”. Tomando como base a teoria dos protótipos, a dinâmica evolutiva do PPC pode ser conceptualizada como um deslocamento do significado prototípico da categoria verbal, em redor do qual se articula uma rede de significados ou leituras mais ou menos salientes ou periféricas, e que, num processo de reorganização categorial, passa de um centro para outro. O nosso estudo, que analisa as etapas e os princípios da evolução linguística do PPC entre os séculos XV e XX, se baseia numa pesquisa exaustiva realizada com base no *Corpus do Português* de Mark Davies e Michael Ferreira.

Palabras chave

Evolução do pretérito perfeito composto (PPC) em diacronia, semântica do pretérito perfeito composto (PPC), teoria da mudança linguística, teoria do protótipo diacrônica

Sumario

1. Introdução. 2. A semântica contemporânea do PPC em contraste. 3. A evolução do PPC: perfeito resultativo e extensões semânticas no século XVI. 4. Dinâmicas da mudança linguística do século XVII ao século XIX – concorrência entre leituras inovadoras e tradicionais. 4.1. Expansão qualitativa e quantitativa das leituras inovadoras. 4.2. Coexistência e variação dos usos inovadores e tradicionais. 4.3. Evoluções posteriores e permanência das leituras tradicionais no século XIX. 4.4. Digressão: dinâmica evolutiva e variação diatópica. 5. Resumo e interpretação dos resultados. 5.1. Considerações da semântica do protótipo sobre a mudança linguística (modelo de Geeraerts). 5.2. Resumo e interpretação dos resultados do estudo dentro do paradigma da semântica do protótipo (dentro do modelo de Geeraerts).

The Portuguese Pretérito Perfeito Composto in diachrony – a perfect evolution?

Abstract

This article deals with the semantic evolution of the Portuguese *Pretérito Perfeito Composto* (PPC), which represents a remarkable case of linguistic change given the fact that it is completely out of line with the ordinary process of grammaticalisation reconstructed for the *perfect* in other Romance languages. The present study identifies various stages of this pathway as well as underlying semantic principles. We are especially interested in the analysis and interpretation of these developments in terms of Geeraert's insights on change and reconstruction of categories expounded in his seminal monograph on „Diachronic Prototype Semantics.“ In the light of his theory of prototypes, the dynamic evolution of the PPC can be understood as a shift of the prototypical meaning, or „reading,” away from an initial centre with its network of more or less central or peripheral readings towards a different target centre of category organisation. This study of the stages and principles of the linguistic evolution of the Portuguese PPC, covering the period between the 15th and 20th centuries, is based on Mark Davies' and Michael Ferreira's *Corpus do Português*.

Keywords

Diachronic evolution of the Portuguese pretérito perfeito composto (PPC), semantics of the pretérito perfeito composto (PPC), theory of linguistic change, diachronic prototype theory

Contents

1. Introduction 2. The semantics of the Portuguese PPC in a contrastive perspective. 3. The evolution of the PPC: the resultative perfect and its semantic extensions in the course of the 16th century. 4. The dynamics of linguistic change from the 17th to the 19th century – the competition between innovative and traditional readings. 4.1. The qualitative and quantitative expansion of innovative readings 4.2. The coexistence and variation of innovative and traditional readings. 4.3. Further developments and the persistence of traditional readings in the 19th century. 4.4. Excursus: evolutionary dynamics and diatopic variation. 5. Summary and interpretation of the results. 5.1. Ideas of prototype semantics about linguistic change (Geeraerts' model). 5.2. Summary and interpretation within the paradigm of prototype semantics (on the basis of Geeraert's model).

1. INTRODUÇÃO

No nosso artigo gostaríamos de expôr um caso significativo de um processo de mudança linguística lenta e gradual, que, desenvolvendo-se num contínuo de leituras ou “significados” contíguos, levou a uma “revolução” dentro de um subsistema da língua portuguesa. Pretendemos colocar o foco do nosso estudo na evolução do Pretérito Perfeito Composto (a partir daqui denominado PPC), que percorreu uma trajetória totalmente atípica em comparação com o processo regular de gramaticalização do perfeito nas línguas românicas, tal como foi reconstruído pelos linguistas Mario Squartini e Pier Marco Bertinetto (Squartini / Bertinetto 2000, contra Harris 1982 e Harre 1991)¹. Esta evolução particular ilustra, não somente os princípios de evolução semântica de uma categoria gramatical (neste caso do PPC), mas evidencia também o valor heurístico do modelo exposto por Geeraerts na sua obra de renome sobre “a semântica do protótipo diacrônica” (Geeraerts 1997, cf. também 2010). Este modelo, mesmo sendo um modelo de mudança lexico-semântica, é passível de ser aplicado ao domínio das categorias gramaticais para capturar dinâmicas evolutivas ao longo do tempo. Portanto, baseando-se numa teoria dos protótipos aplicada à dinâmica diacrônica, a evolução do PPC pode ser conceptualizada como um processo de deslocamento do protótipo da categoria verbal, em redor do qual se articula uma rede de significados ou leituras mais ou menos salientes ou periféricas, e localmente relacionadas por traços linguísticos compartilhados, e que, num processo de reorganização categorial, passa de um centro para outro.

Contudo, além das particularidades linguísticas intrassistemáticas do processo de evolução, pretendemos salientar também o papel desempenhado pela variação no processo da mudança linguística, levando em consideração diferenças ideolectais, textuais e diatópicas na evolução da nossa categoria verbal sob exame. Empiricamente, o nosso estudo vai se basear numa pesquisa exaustiva realizada com base no *Corpus do Português* de Davies / Ferreira que possibilita a realização de um corte transversal através dos séculos, ao estudarmos a dinâmica evolutiva da nossa categoria gramatical. Graças à exploração dos dados empíricos disponibilizados pelo *Corpus do Português* (CdP) conseguimos reconstituir a trajetória evolutiva com maior precisão do que os estudos anteriores, que se baseiam, em muitos casos, em comentários explícitos da gramaticografia².

O nosso estudo parte de uma caracterização da semântica específica do PPC português (cap. 2), baseada numa comparação com o típico perfeito de outras línguas românicas (como o espanhol), evidenciando o alto grau de afastamento do PPC do estado originário e compartilhada com as outras línguas românicas até o século XV (veja-se mais abaixo). Em continuação estudaremos as diferentes etapas evolutivas do PPC desde os primórdios das mudanças linguísticas no século XVI, levando em consideração aspetos qualitativos e quantitativos da difusão das inovações (cap. 3.1), a variação individual e textual (cap. 3.2) e a concorrência persistente entre leituras tradicionais e inovadoras (cap. 3.3). Numa digressão *excursus* (cap. 3.4) vamos discutir também aspetos da variação diatópica entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE). No cap. 4 resumiremos os resultados do estudo diacrônico e os interpretaremos em consonância com os pressupostos do modelo de mudança semântica elaborado por Geeraerts.

¹ Harre (1991: 150-153) defende a tese de um menor grau de gramaticalização (etapa 2 conforme a escala de Harris) da construção *ter* + *participio* em comparação com *haber* + *participio* em espanhol, levantando argumentos tais como uma separação sintática mais frequente de *ter* e *participio*, uma semântica menos abstrata (valor aspetual de duratividade e iteratividade, proximidade ao significado de origem), em geral, uma acentuada frequência menor na diacronia e na sincronia. O que as abordagens voltadas a uma análise exclusiva em termos de gramaticalização não levam em consideração (ou pelos menos não suficientemente) é a especialização semântica da construção que evolui em direção ao sentido de ‘iteração indeterminada’. Por esta razão, uma análise conforme os padrões da teoria de gramaticalização conduz somente a resultados bem limitados e não consegue fazer jus às particularidades da construção portuguesa. Vejam-se também as observações pertinentes de Squartini / Bertinetto (2000: 419s.). García Martín (2001) trata as evoluções divergentes de *habere* e *tenere* + *participio* em espanhol.

² Cf. os estudos de Irmen (1966), Sten (1973), Suter (1984), Harre (1991), assim como Schäfer-Prieß (1996) e Wigger (2004), que colocam especialmente o foco na gramaticografia portuguesa.

2. A SEMÂNTICA CONTEMPORÂNEA DO PPC EM CONTRASTE³

Como já assinalamos, o PPC português se distingue de maneira radical dos perfeitos de outras línguas românicas, de forma que cabe a pergunta se no caso de PPC podemos falar – com toda a razão – de um *perfeito*⁴. Vejamos algumas das suas características:

— O PPC se distingue já sob um ponto de vista morfológico das outras línguas românicas, dado que na construção portuguesa domina o auxiliar *ter* e não o auxiliar *haver* como nas outras línguas românicas:

- (1a) J'ai vu Pierre. (Fr.) / He visto a Pedro. (Esp.) / Ho visto Pietro. (It.) / He vist Pere. (Cat.) /
L-am văzut pe Pietre. (Rum.)
(1b) Tenho visto o Pedro.

— Em contraste com os típicos perfeitos de outras línguas, o PPC não admite uma leitura resultativa que, porém, pode ser considerada a leitura prototípica do perfeito. O perfeito – na sua manifestação mais característica – introduz um evento acontecido no passado, assim como um estado resultante posterior que persiste até o momento do ato de fala e entra no foco de avaliação do falante. No entanto, os falantes do português recorrem, nesse contexto, ao Pretérito Perfeito Simples. Vejamos um exemplo contrastivo:

- (2a) Esp.: Pedro se ha roto la pierna. Le duele mucho.
(2b) Ptg.: O Pedro (*tem quebrado) quebrou a perna. Dói-lhe muito.

— O PPC exclui também as duas outras leituras bem características do perfeito, a interpretação universal que se dá com verbos atéllicos e – de modo complementar – a interpretação existencial com verbos télicos. Em ambos casos, é o Pretérito Perfeito Simples (PPS) que se impõe como forma adequada na língua portuguesa⁵. Repare-se no contraste entre os exemplos em espanhol e em português:

Compatibilidade com uma leitura universal: em cada momento t_i de um intervalo de perfeito ($t_n \dots t_0$) dá-se a eventualidade homogênea em questão:

- (3a) Siempre te he querido, Juana⁶.
(3b) Eu sempre te amei (*tenho amado), Joana.

Exemplifiquemos também a leitura existencial: existe, pelo menos, um momento t^* no qual se deu o evento em questão.

- (4a) ¿Ya has estado en Santiago? Sí, ya he estado dos veces.
(4b) Você já esteve (*tem estado) em Santiago? Sim, eu já estive (*tenho estado) duas vezes.

Em contraste com o típico perfeito, o PPC situa uma série *indeterminada* de eventos (ou subeventos) num intervalo temporal que se estende desde um ponto no passado até, pelo menos, o momento da fala⁷. A relevância do traço de *indeterminação* na iteração de eventos ou subeventos inerente ao PPC se evidencia em sua incompatibilidade com advérbios quantificadores do número de ocorrências de um tipo eventivo, como por exemplo *sempre* (de quantificação

³ Becker (no prelo) revê e discute as diferentes teorias do perfeito para capturar e situar a semântica do PPC. Cf. também a análise muito pertinente de Campos (1986: 41 1ss. e 1987: 75ss.).

⁴ Veja-se a caracterização do PPC em gramáticas de relevo como Hundertmark-Santos Martins (1982) e Gärtner (1998), assim como na literatura linguística, p. ex. em Paiva Boléo (1936: 127s.), Algeo (1976), Oliveira / Lopes 1994, Ilari (20012: 66), Schmitt (2001: 439), Oliveira (2003) e Oliveira / Leal (2012).

⁵ Santos (2008) ilustra a distribuição particular no PPC e PPS português na sua comparação com o *present perfect* inglês.

⁶ O uso do Pasado Compuesto é característico da norma de Madrid. No espanhol da América, assim como no espanhol falado na Galiza, nas Astúrias e na parte ocidental de Castela e Leão os falantes recorrem ao Indefinido (*Siempre te quise, Juana*).

⁷ Cf. também Sten (1973: 240), Schäfer-Prieß (1996: 30) e Almeida (2003: 74ss.).

universal: $\forall e$) ou *duas vezes* ($\exists 2e$). Esta característica representa outro contraste com o perfeito em outras línguas românicas. Comparem-se os exemplos (5a-b) e (6a-b):

- (5a) Os portugueses foram (*têm sido) sempre bons marinheiros. (Almeida 2003:75)
 (5b) Los portugueses siempre han sido buenos marineros.

- (6a) Ultimamente o João veio (*tem vindo) duas vezes.
 (6b) Recientemente Jorge ha venido dos veces.

A semântica particular do PPC se concretiza em duas leituras – conforme o carácter estativo ou dinâmico da eventualidade em questão. Com verbos dinâmicos o PPC dá lugar a uma leitura iterativa, com verbos estáticos obtemos uma interpretação durativa. Compare-se:

- (7a) Tenho comido neste restaurante (mais de uma vez). (cf. Almeida 2003: 74)
 (7b) Tem estado muito calor. (Hundertmark-Santos Martins 1982: 180)

Em muitos casos a semântica iterativa ou durativa do PPC está ligada a uma *nuance* caracterizante, que confere ao enunciado marcado pelo PPC um estatuto mais geral ou tipificante, tal como no exemplo seguinte:

- (8) Eu sou uma pessoa que gosta de ver tv. Mas ultimamente tenho lido (muito).

Em (8) o falante contrasta atividades típicas que caracterizam a sua rotina diária. Não fica claro se se trata de um traço semântico inerente ao PPC, ou mais exatamente de uma inferência puramente pragmática, ou seja, de uma implicatura conversacional. Valeria a pena examinar com mais detalhe este último aspeto num estudo posterior que levasse em consideração a interação entre semântica e pragmática de maneira mais sistemática.

Passemos agora às evoluções em diacronia que conduziram, por várias etapas, à situação atual.

3. A EVOLUÇÃO DO PPC: PERFEITO RESULTATIVO E EXTENSÕES SEMÂNTICAS NO SÉCULO XVI

Voltando o olhar para o início das evoluções⁸ e, mais especificamente, para o século XV convém frisar que o PPC começa sua trajetória gramatical como uma típica forma de perfeito que se refere ao estado resultativo de um evento⁹, como no exemplo seguinte:

- (9) [...] e sodes meus vassallos que me havedes feito menagem e juramento [...]. (CIPM: Demanda, CdP)

Nesse exemplo o perfeito se combina com a expressão performativa ‘fazer juramento’, que descreve um ato cujo estado resultativo possui vigência no presente e para além dele.

O PPC é compatível, tanto com uma única ocorrência de um evento (ou tipo eventivo), quanto com uma pluralidade de instâncias de um determinado tipo eventivo, pluralidade inferível da informação semântica proporcionada pelo contexto. Os raros – ainda que existentes – casos que remetem a uma pluralidade de eventos refletem uma leitura que vou caracterizar e discutir, no que segue, sob o rótulo de “leitura sumativa”. Citemos a título de ilustração o exemplo (10), no qual o autor se refere a várias ocorrências de “fazer_um_testamento” inscritas num intervalo

⁸ Cf. a discussão de Harre (1991: 143ss.) sobre trajetórias evolutivas possíveis da construção *haver/ter* + participio (de estado resultativo a leituras puntuais, durativas e iterativas de eventualidade passada). Os exemplos dados pelo autor se revelam insuficientes (especialmente em relação a *ter*) para permitir uma reconstrução fiável das evoluções anteriores ao século XV.

⁹ Cf. também Irmén (1966), Sten (1973) e Harre (1991) que já salientaram este aspeto nos seus estudos sobre a evolução do PPC. Chamam a atenção às evoluções paralelas em galego, estudadas por Moscoso Mato (2000, especialmente 104ss. e 203ss.).

que se estende – conforme as palavras do mesmo falante – “até aqui”, excluindo, portanto, o momento de enunciação:

- (10) [...] firme e valiozo como minha postrimeira vontade e reuogo todollos outros testamentos que *athe aqui hey feitos* [...] (CronDFernando, CdP)

Salientamos que no século XV ainda predomina o verbo *haver* como auxiliar, relegando *ter* para o segundo lugar com uma proporção de 56,0% a 44,0% conforme o *Corpus do Português* de Davies / Ferreira (cf. Becker no prelo). Contudo, no decurso do século XVI iria se produzir a reviravolta decisiva a favor de *ter*, o qual iria prevalecer com 84,3% a 15,7% (cf. Becker no prelo)¹⁰. Semanticamente, as reduzidas ocorrências de *haver* + particípio já não apresentam, neste século, casos suscetíveis de uma interpretação pluralizante (no sentido de ‘várias instâncias de um determinado tipo eventivo P’).

O momento de cristalização da mudança linguística situa-se no século XVI – com inovações importantes a nível formal e semântico: por um lado, o verbo *ter* iria monopolizando, no decurso do século, a função de auxiliar na construção do perfeito; por outro lado, surgiu e se consolidou uma nova leitura que gostaríamos de designar de “leitura sumativa”. Esta leitura sumativa caracteriza-se pelos seguintes traços:

— A leitura “sumativa” deriva da interação do PPC com elementos cotextuais – expressões adverbiais e os argumentos do verbo lexical. Ela pode ser inferida semanticamente com base na informação explicitamente proporcionada pelo cotexto;

— No caso da leitura “sumativa”, o PPC, em conjunto com o contexto, refere-se a uma soma ou série indeterminada de eventos do mesmo tipo, ou em outras palavras, a instâncias de um determinado tipo eventivo;

— Esta soma ou série de instâncias focalizada está incluída num intervalo de perfeito que se estende de um momento no passado em direção ao presente, sem incluir o momento da fala, que atua como ponto de referência, ou seja, como ponto de perspectiva destinado a considerar e avaliar a soma ou série indeterminada de instâncias de um determinado tipo eventivo.

Vamos ver que o efeito sumativo associado com o PPC se repercute em leituras diferentes conforme as características acionais do complexo verbal – mais especificamente: o verbo em conjunto com seus argumentos, adjuntos e outras informações cotextuais¹¹; estas diferentes leituras sumativas baseadas em propriedades acionais representam um momento de variação importante no seio do sistema linguístico e marcam, além disso, as diferentes etapas do processo evolutivo em andamento.

Vejamos mais de perto como se realiza a leitura “sumativa” do PPC em textos na passagem do século XV para o século XVI:

Os exemplos que implicam uma leitura “sumativa” ainda são mínimos nos finais do século XV e se limitam a um único tipo de ocorrência, ou seja, uma constelação característica: nesta constelação, um sintagma nominal de objeto direto no plural, cujo núcleo é um substantivo contável, indica uma pluralidade de instâncias de um evento. Trata-se, pois, de uma soma de indivíduos (especificados na categoria N), algumas vezes com quantificação explícita (p. ex. muitos N, todos os N) (veja-se exemplo 11). Porém, como regra geral, o número de instâncias fica por determinar e, em muitos casos, até falta um determinante (tal é o caso do “determinante zero”) como, por exemplo, em (12):

- (11) [...] tanto que esquecerá todollos trabalhos que tem sofridos [...] (CastelPerig, CdP)

- (12) [...] que vossa alteza tem fectos e ordenados capitaães em algũas cidades e vyllas destes rregnnos [...] (Manuel: 1498, CdP)

¹⁰ O papel do auxiliar *ter* para as evoluções posteriores é amplamente discutido na literatura linguística, cf. p. ex. Algeo (1976), Suter (1994), Bertinetto / Squartini (2000) e Becker (no prelo).

¹¹ Em relação ao conceito de ‘acionalidade’, cf. Vendler (1967) e Smith (1991).

No século XVI as ocorrências do padrão DET + N_{pl} se multiplicam (veja-se o exemplo tirado da crônica de Barros, exemplo 13), e, o que é mais importante, os contextos de leitura sumativa se diversificam.

- (13) [...] pelos insultos e roubos que *tem feito* em sua própria pátria [...] (Barros: Asia3, CdP)

Dos diferentes contextos que induzem uma leitura sumativa remetemos para os seguintes:

a) Quando o objeto directo é um substantivo abstrato (ou um nome massivo), é através de um determinante quantificador (por exemplo *tanto* ou *muito*) que se produz o efeito de pluralização: estes determinantes indicam um valor (normalmente alto) numa escala que quantifica o grau de realização de um evento. Em conjunto com nomes abstratos, o PPC descreve uma série indeterminada de subeventos de um determinado tipo eventivo, como no caso seguinte, no qual se tematiza uma série de instâncias do tipo “causar_dano”:

- (14) Estes indios *tem feito* muito dano aos moradores depois que vieraõ a esta costa [...] (Gandavo: Provincia, CdP)

b) Nas nossas pesquisas levadas a cabo com base no *Corpus do Português* de Davies / Ferreira nos deparamos com muitos exemplos caracterizados por um sintagma nominal com o determinante quantificador *quanto*, que aparece em orações exclamativas. Também esse quantificador pressupõe um valor particularmente saliente numa escala. Portanto podemos inferir que o falante tematiza uma pluralidade de instâncias de um tipo eventivo. A título de exemplo citamos (15):

- (15) Quantas contas *tenho* nesta vida *feitas* que me agora cumpre de riscar! (Miranda: Estrangeiros, CdP)

c) Outra maneira de indicar pluralidade de ocorrências consiste numa quantificação explícita mediante advérbios de frequência. Estes advérbios de quantificação têm escopo sobre o sintagma verbal eventivo, como é o caso de *continuamente* – veja-se o seguinte exemplo.

- (16) *Tem continuamente feitas* muito numero de cadeiras [...] (Intino: China, CdP)

d) É também possível que adjuntos temporais como, por exemplo, *de tantos annos*, contribuam para uma interpretação sumativa:

- (17) [...] & he magoa ver o estrago que o Rey de Maluco *tem feito* de tantos annos a esta parte por todos aquelles lugares [...] (Rebello: Cartas, CdP)

O intervalo prolongado *de tantos annos* convida à inferência que o *rey* em questão está envolvido em vários subeventos do tipo “fazer_estrago”.

e) Expressões adverbiais (p. ex. de lugar) também podem suscitar uma leitura de pluralidade de eventos:

- (18) E em cada mosteiro destes tem posto no altar, em logar de fotoque, a figura do Caysan, [...] (Frois: Japam2, CdP)

A expressão adverbial de lugar *em cada mosteiro* permite inferir uma pluralidade de eventos baseada na semântica distributiva do determinante *cada*: em um número indeterminado de lugares do tipo “mosteiro” aconteceu um evento do tipo “pôr_no_altar_a_figura_de_Caysan”.

Além disso, o último exemplo ilustra de maneira muito esclarecedora a particularidade da leitura sumativa (em contraste com uma leitura iterativa): o falante não se refere a repetidas atividades do tipo *pôr_uma_figura_do_Caysan_em_cada_mosteiro*, mas sim a uma atividade de

colocar uma figura do Caysan em diferentes mosteiros, ou seja, a uma atividade composta de um conjunto de sub-eventos que derivam do caráter distributivo da indicação de lugar. Falando em termos mais técnicos podemos afirmar: o quantificador de iteração indeterminada ainda não está contido ou codificado na forma de *ter* + (*mais*) *participio* mas deve ser deduzido da indicação adverbial *em cada mosteiro* (ou em outros casos do determinante zero de um nome no plural).

Até agora consideramos somente a cristalização e consolidação de uma leitura de caráter sumativo com verbos durativos que, conforme a sua combinação com determinados argumentos e adjuntos, podem expressar atividades (*activities* na terminologia de Vendler) ou realizações (*accomplishments*). Nesses contextos de interação do PPC com o seu cotexto, os falantes colocam o foco na pluralidade de ocorrências de um determinado evento que acontece num intervalo delimitado. No entanto, encontramos uma leitura bem diferente com verbos não durativos, nomeadamente, com os assim chamados *achievements*. Nesses contextos não durativos, os falantes insistem no resultado acumulado de um processo cujos resultados parciais se somam em cada etapa anterior ao ponto culminante. Por outras palavras, o PPC focaliza o culminar dos resultados de cada etapa que crescem gradativamente, acumulando-se no decurso de um processo em evolução. Em contraste com a semântica dos verbos durativos, o foco não é colocado na adição de ocorrências de um determinado tipo eventivo, mas na acumulação dos resultados crescentes da fase preparatória anterior ao ponto culminante marcado pelo PPC. Esta leitura que contempla a acumulação progressiva dos resultados de cada etapa de um processo que desemboca no ponto culminante pode ser designada de “leitura incrementativa”. Citemos um exemplo representativo:

- (19) Olhai o estado a que a gente de Ximabara *tem chegado*, por huma parte tenho ira, e por outra compaixão [...] (Frois: Japam1, CdP)

Neste exemplo se destaca o ponto culminante de um processo de degradação que se desenrola gradualmente e durante o qual cresce progressivamente (ou seja de maneira “incrementativa”) o grau de declínio.

Deitemos também um olhar sobre o comportamento de um verbo estativo na sua interação com o PPC. A nossa forma em ligação com o verbo *saber* marca o momento de passagem de uma tomada de consciência (a perda da ignorância) a um estado permanente (um saber adquirido). Nesse contexto o PPC parece “congelar” o momento culminante que marca o momento da aquisição de um saber como estado epistémico duradouro:

- (20) Segundo o que *temos sabido* dos oficiais da fazenda daquele príncipe, quâsi regularmente em cada um ano tem [...] (Barros: Asia3, CdP)

Contudo, pode atestar-se um uso “congelado” do PPC já no século XVI, o qual se iria conservar – como caso único de uma semântica resultativa – até os nossos dias. Trata-se do emprego do PPC juntamente com verbos de comunicação (p. ex. *tenho dito*) no intuito de salientar o ato de fala.

- (21) [...] e hum catanguin em cima, do qual já se *tem feito* menção que couza seja no principio da Historia, e este era alienado [...] (Frois: Japam1, CdP)

Podemos, portanto, registrar uma variação intra-sistemática na evolução semântica do PPC, que se manifesta na interação da forma com diferentes verbos e, em particular, com suas propriedades acionais. O PPC é compatível, num contexto adequado, com uma leitura sumativa (o caso dos verbos durativos), com uma leitura incrementativa (com *achievements*), uma leitura “culminante” – a qual marca o momento de confluir num estado permanente, como é o caso dos verbos estativos, p. ex. *saber* e, por fim, a fixação de uma leitura resultativa com os *verba dicendi*.

No que diz respeito à evolução semântica, também vale a pena levar em consideração a abrangência do intervalo temporal, que contém as diferentes instâncias de uma determinada eventualidade em avaliação.

Nos textos aparece com frequência a expressão adverbial *até agora*, que considera as ocorrências de um evento desde um momento indeterminado (ou contextualmente determinado) no passado até o momento da fala que, como ponto de perspectiva, fica excluído da avaliação.

- (22) Dizei ao Dairi que eu lhe *tenho feitos* até agora muitos serviços e negociado suas couzas com o Cubosama e Nabunaga [...] (Frois: Japam2, CdP)

A segunda indicação adverbial muito recorrente *ainda não* marca – de maneira complementar – a não-ocorrência de um evento durante um intervalo que vai do passado para o presente.

- (23) [...] ainda os nam *tem feitos* em quartos! (Frois: Japam3, CdP)

Os dois próximos exemplos mostram mais uma vez que o intervalo dos eventos considerados não inclui o momento de enunciação que atua de ponto de perspectiva. Em (24) o falante especifica uma data no passado (*fim de agosto*) e no segundo exemplo (25) o autor, António Vieira, tem de usar o Presente do Indicativo – além do PPC – para evocar a continuação dos eventos no momento da fala:

- (24) [...] e o tem feito muitas vezes entrando de quinze até fim de Agosto [...] (Sarzedas: Diário, CdP)

- (25) Se os padres da Companhia fizeram a mínima parte de que estes têm feito e fazem [...] (Vieira: Cartas, CdP)

Resumindo, podemos sublinhar que uma leitura sistemática e inovadora, a “leitura sumativa”, constituiu o ponto de saída da evolução do PPC. Se os primórdios da leitura sumativa remontam ao final do século XV, é somente no século XVI que esta se torna sistemática e adquire distintas manifestações concretas conforme as características acionais dos verbos, em conjunto com os seus argumentos e diferentes tipos de adjuntos: assim, com verbos télicos e não durativos ela realiza um subtipo dessa leitura, a “incrementativa”, que destaca a acumulação crescente dos resultados de um processo em todas as etapas anteriores ao ponto culminante; com verbos estativos focaliza o momento da conversão num estado resultativo permanente. Esta nova leitura “sumativa” é perfeitamente compatível com a semântica do perfeito. Por esta razão não é uma contradição que a leitura sumativa coexista com as leituras características do perfeito, nomeadamente, com as leituras universal e existencial. Em todos os casos, o perfeito se refere a um intervalo de uma ou várias ocorrências de um evento considerado desde o momento de enunciação e que se estende em direção ao presente. A particularidade do PPC consiste na – já forte! – presença de uma leitura sumativa no século XVI, a qual ressalta a pluralidade da realização de um tipo de evento, deixando por determinar o número específico de ocorrências.

Destacamos, por último, também um aspeto formal que se inscreve no panorama de mudanças do sistema dos tempos compostos: no século XVI irá desaparecer gradualmente a concordância entre o particípio e o objeto direto¹². Na primeira metade deste século encontramos ainda alguns exemplos da concordância do particípio com o objeto direto, que atestam, no mesmo tempo, a não-correspondência entre concordância e o traço semântico de sumatividade. Comprovamos, com base nos exemplos levantados do *Corpus do Português*, que a concordância pode aparecer, ou não, tanto nas orações relativas, quanto nas principais em contextos de leitura sumativa. Ilustramos a variação livre entre a concordância e a não-concordância com respeito aos dois contextos em questão (cf. 26a vs. 26b e 27a vs. 27b):

— Contextos de orações principais:

- (26a) Cousas grandes e estranhas tem pelo mundo feito e faz Natura [...] (Camões: Obras, CdP)
 (26b) Eu tenho feitos diante do Nobunaga e do Cubosama muitos serviços ao Dairi [...] (Frois: Japam2, CDP)

¹² Vejam-se também as observações de Harre (1991: 132s. e 142s.), que ressalta o caráter transicional da variação entre concordância e não-concordância do PPC nos séculos XV e XVI.

— Contextos de orações relativas:

- (27a) [...] quando vejo a grandeza dos benefícios que Nobunanga vos tem feito [...] (Frois: Japam3, CdP)
 (27b) [...] para declarar as infinitas mercês que Deus Nosso Senhor tem feitas ao padre-mestre Francisco [...] (Lucena: SFXavier, CdP)

4. DINÂMICAS DA MUDANÇA LINGÜÍSTICA DO SÉCULO XVII AO SÉCULO XIX – CONCORRÊNCIA ENTRE LEITURAS INOVADORAS E TRADICIONAIS

4.1. Expansão qualitativa e quantitativa das leituras inovadoras

Ao rever as abonações do *Corpus do Português* de Davies / Ferreira chama a atenção que a frequência do uso do PPC com leitura sumativa vai aumentando consideravelmente no século XVII.

Fizemos um levantamento das ocorrências do PPC com os verbos *chegar* e *perder*, comparando a proporção entre leituras inovadoras (de caráter sumativo) e leituras tradicionais de perfeito: a tabela 1 evidencia o aumento do número total das ocorrências do PPC no século XVII. Em particular, pode-se apreciar a forte presença da leitura incrementativa do tipo *chegar a tal estado*. A leitura resultativa tradicional se mantém firmemente ao longo do século XVII, mas perde peso em termos relativos.

	Incrementativo (<i>chegar a tal estado</i>)	Resultativo pluralidade de eventos (<i>têm chegado as novas</i>)	Resultativo + intervalo (<i>já tem chegado</i>)	Resultativo + negação (<i>até agora ainda não tem chegado</i>)	Número total de ocorrências
Séc. XVI	2		2		4
Séc. XVII	12	5	7	11	35

Tabela 1. Chegar

A mesma tendência se manifesta também com o verbo *perder* – aumento das ocorrências do PPC e surgimento da leitura inovadora de caráter sumativo (p. ex. *Quantas batalhas tem perdido?*).

	Leitura sumativa (<i>Quantas batalhas tem perdido?</i>)	Resultativo + intervalo (<i>já tem perdido</i>)	Resultativo + negação (<i>até agora ainda não tem perdido</i>)	Número total de ocorrências
Séc. XVI		13		13
Séc. XVII	5	15	4	24

Tabela 2. Perder

Salientamos que o estudo quantitativo baseado em dois verbos representativos (*perder* e *chegar*) pode somente apontar para determinadas tendências evolutivas, cujas dinâmicas e particularidades devem ser estudadas num trabalho posterior com base em dados empíricos mais extensos.

Agora, passando à perspectiva qualitativa, podemos constatar que encontramos o PPC em novos contextos que se prestam a uma leitura de caráter sumativo. Assim, Vieira usa o PPC nas orações concessivas condicionais paramétricas que são introduzidas pela expressão *por mais que*, por ex.

- (28) [...] por mais diligências que tenho feito [...] (Vieira: Cartas, CdP)

Estas concessivas condicionais paramétricas remetem a uma escala de valores que gira em torno de um parâmetro, neste caso, o grau de diligência e implicam uma pluralidade não determinada (mas extremamente alta) de instâncias de um determinado tipo eventivo.

Um contexto comparável é constituído pela expressão “superlativizante” *um dos mais / uma das mais*, que introduz um domínio de comparação e implica também uma pluralidade de instâncias levadas em consideração pela comparação:

- (29) [...] foi uma das mais notáveis que até hoje se tem feito no mundo [...] (Vieira: Cartas, CdP)

Um efeito de pluralização se dá também com sujeitos justapostos que, atuando como agentes, estão envolvidos de maneira independente em instâncias de um tipo de eventualidade (aP \wedge bP, P: fazer_suspensão_de_armas), tal como na frase

- (30) Sabóia e Génova têm feito suspensão de armas [...] (Vieira: Cartas, CdP)

Vieira multiplica também o número dos quantificadores adverbiais, que, como *muitas vezes*, *outras vezes*, *tantas vezes* ressaltam o caráter iterativo da realização de um evento. Estes exemplos são tanto mais significativos quanto representam os primeiros que já anunciam a semântica moderna (de caráter iterativo) do PPC:

- (31) [...] como tantas vezes se têm perdido. (Vieira: Cartas, CdP)

Voltaremos a este último aspeto no próximo capítulo.

4.2. Coexistência e variação dos usos inovadores e tradicionais

Para além da expansão dos usos inovadores temos de salientar outro aspeto do qual nos apercebemos ao estudar os dados do *Corpus do Português* e que é a forte variação entre os autores (ou seja, de caráter idiolectal) no que diz respeito ao uso e aproveitamento da forma do PPC.

Se Frois, com sua *Crónica do Japão*, é o grande divulgador do uso especializado do PPC no século XVI, é, em primeiro lugar, o jesuíta António Vieira que explora, nas suas cartas, o valor sumativo do PPC no século XVII. A partir de uma perspetiva mais geral, e prescindindo dos tipos de uso, podemos vislumbrar uma grande margem de variação com respeito ao aproveitamento sistemático dessa categoria verbal nos dados de Davies / Ferreira. Debrucemo-nos sobre as diferenças em cada século:

Séc. XVI	chegar	destruir	fazer	haver	achar	estar	saber	perder	total
Rebello			2						2
Ribeiro			2						2
Diu			3						3
Couto			5						5
Camões		1	2				1	1	5
Resende	2		1				5	1	13
Lucena			12		1			3	16
Frois	1	1	25	2	2		5	1	37
Barros			28			1	12	3	44

Séc. XVII	chegar	destruir	fazer	haver	achar	estar	saber	perder	total
Sazedas			8	2					10
FMMelo	3		3				2	3	11
Pinto			9		1	1	2	2	11
Chagas	2		75	1		1	1	2	82
Vieira	31	3	25	7	7		1	14	88

Séc. XVIII	chegar	destruir	fazer	haver	achar	estar	saber	perder	total
Vernei			4	1					5
Coutinho			14		1				15
Oliveira	2		13						15
Brochado	2		10	3					15
Macedo	2		14	6	2			1	24
Bluteau	1		16		28	1		2	48

Tabela 3. Ocorrência do PPC com os verbos mais frequentes nos autores dos séculos XVI, XVII e XVIII

As tabelas que apresentam o emprego do PPC conforme a frequência ascendente fazem entrever uma distribuição muito desigual nas obras dos três séculos levados em consideração: sobressai a alta frequência da forma que é restrita às obras de Frois e Barros no século XVI, de Chagas e Vieira no século XVII, de Macedo e particularmente de Bluteau no século XVIII. Contudo, chama a atenção que, tanto os tipos de uso, quanto os gêneros textuais, nos quais foi explorada a nossa forma com maior proveito, variam consideravelmente: por exemplo, no século XVI prevalecem as crônicas (a crônica sobre a Ásia, de Barros, e sobre o Japão, de Frois), no século XVII, as cartas privadas (de Chagas e Vieira) e no século XVIII destacam-se as obras linguísticas – o *Antídoto da Língua da Portuguesa*, de Chagas e o detalhado dicionário, o famoso *Vocabulário Portuguez e Latino*, de Bluteau. À parte as diferenças de gênero notam-se também diferenças fundamentais nas leituras atualizadas da nossa forma. Se encontramos leituras tradicionais (especialmente universais e resultativas), assim como inovadoras, em Frois, Barros e Vieira, chama a atenção o conservadorismo de Bluteau, que quase exclusivamente se serve do valor tradicional de resultatividade do PPC, como testemunha, entre outros, o exemplo (32).

- (32) [...] mas Tulvio Orsino certifica, que nos antigos manuscriptos *tem achado*, <aliqua,> [...] (Bluteau: VPLA2, CdP)

Barros e Vieira, por outro lado, já exploram, em grande medida, a leitura sumativa do PPC nos seus textos (veja-se 33 e 34):

- (33) [...] posto que pelos *feitos* que em África *tem feito*, já tevessem grã nome. (Barros: Asia2, CdP)
- (34) Este e semelhantes terrores *têm feito* o nome dos Portugueses odioso nos sertões. (Vieira: Cartas, CdP)

Finalmente, Vieira, a julgar pelas abonações no *Corpus do Português*, parece ter dado o passo decisivo ao estabelecer pela primeira vez e de maneira sistemática uma *leitura iterativa* do PPC. Poderíamos facilmente multiplicar os exemplos na obra de Vieira nos quais ele ressalta o caráter iterativo da realização de um evento por meio de quantificadores adverbiais, tais como *muitas vezes*, *outras vezes* e *tantas vezes*, como no exemplo seguinte:

- (35) [...] queira Deus que nos não mintam, como tantas vezes *têm feito*. (Vieira, Cartas, CdP)

Este gosto pela inovação não exclui que, também em Vieira, coexistam leituras inovadoras com leituras tradicionais. Encontramos em suas cartas, tanto exemplos da leitura universal (*sempre p*) (ver o exemplo 36), quanto da leitura resultativa (como o exemplo 37):

- (36) [...] pelo dano que me *têm feito* sempre [...] (Vieira: Cartas, CdP)
- (37) [...] com os dois que vieram desde o Pará, não *temos perdido* tempo, declarando-lhes a tenção de S. M. e a nossa. (Vieira: Cartas, CdP)

Estes exemplos atestam, mais uma vez, a não-simultaneidade das mudanças linguísticas e da sua difusão e, em particular, a coexistência de leituras inovadoras e tradicionais, inclusive na consciência gramatical de um mesmo autor.

4.3. Evoluções posteriores e permanência das leituras tradicionais no século XIX

Ao longo do século XIX, surge e consolida-se outra leitura inovadora que podemos caracterizar como leitura durativa. Esta leitura adicional do PPC se manifesta com expressões estativas e se irá reforçar até o século XX. Chama a atenção que esta última evolução não se limita somente a autores portugueses, mas se encontra também nas obras de autores brasileiros como José de Alencar e Machado de Assis. Pode-se supor – dado o campo de utilização limitado a esses autores – que Alencar e Machado de Assis se tenham orientado pela norma culta de Portugal, uma questão que, de qualquer forma, deve ser estudada com base em mais fontes brasileiras daquele momento.

Citamos somente dois exemplos que se poderiam multiplicar facilmente:

(38) A discussão que tem havido ultimamente na câmara [...] (Alencar: *Correr*, CdP)

(39) Há e tem havido escritos que tal nome merecem [...] (Machado: *Textos*, CdP)

Ao mesmo tempo cristaliza-se e acentua-se também uma leitura iterativa com o verbo *haver*, que está em condições de se referir às diferentes ocorrências (ou instâncias) de um determinado tipo eventivo. Vejam os exemplos seguintes:

(40) Tem havido chuvas e calores [...] (Machado: *Epistolário*, CdP)

(41) [...] os desfãos que tem havido estes annos atraz. (Garrett: *Teatro*, CdP)

O último exemplo revela também que o intervalo que recolhe as diferentes ocorrências de um evento ainda não inclui o momento de enunciação – é exatamente ao contrário: o falante coloca explicitamente o foco em instâncias acontecidas *anos atrás*. Retomaremos este importante aspeto mais uma vez no final deste capítulo.

Afirma-se também a leitura incrementativa, manifestação da semântica sumativa com verbos não durativos (especialmente de *achievement*) e testemunho de uma evolução que ultrapassa o uso resultativo do PPC. No exemplo seguinte, o falante destaca a soma das perdas crescentes em cada estágio de um processo que se prolonga por *muitas dezenas*:

(42) [...] aproveita no curso de um ano o que eles perdem e têm perdido em muitas dezenas.
(Garrett: *Sousa*, CdP)

Mesmo se podemos apreciar a consolidação das leituras inovadoras – a durativa e a iterativa – temos de admitir que estas ainda não constituem a maioria dos casos do PPC naquele momento. No final do século XIX ainda prevalece um grande leque de leituras tradicionais de perfeito. Acima de tudo, continua tendo muito peso a leitura universal evocada ou pelo advérbio *sempre* (sempre p) ou, contrariamente, pelo advérbio *jamais* (com o significado de 'sempre não-p').

(43) [...] que jamais tem havido. (Amaro: *Compendio*, CdP)

(44) [...] mas tem havido sempre un transtorno qualquer. (Alencar: *Senhora*, CdP)

Temos de acrescentar igualmente a leitura resultativa com verbos não durativos, em particular com verbos de *achievement* que aparecem especialmente – talvez outro detalhe bem significativo – em autores brasileiros, tais como José de Alencar:

(45) Como tens achado a partida? (Alencar: *Luciola*, CdP)

Outro aspeto da “resistência” tem a ver com a questão da abrangência do intervalo de perfeito. Conforme os dados empíricos, a situação no que diz respeito à delimitação (à direita) do intervalo de perfeito permanece constante entre os séculos XVI e XIX. Exemplos como (46) e (47) de Sarzedas e Vieira, respectivamente, demonstram que, no século XVII, o intervalo temporal que está associado com o PPC claramente não incluiu o momento de enunciação (o qual, como já assinalamos, atua de ponto de perspectiva). Em (40), por exemplo, o autor, António Vieira, tem de usar o Presente do Indicativo – além do PPC – para evocar a continuação dos eventos no momento de fala:

(46) [...] e o tem feito muitas vezes entrando de quinze até fim de Agosto [...] (Sarzedas: Diário, CdP)

(47) Se os padres da Companhia fizeram a mínima parte de que estes têm feito e fazem [...] (Vieira: Cartas, CdP)

Ainda no século XIX, o PPC vincula-se a um intervalo temporal que exclui o momento de enunciação. A título de ilustração podemos citar o exemplo (48), emprestado de uma peça de Garrett, no qual o falante coloca explicitamente o foco em instâncias acontecidas *estes annos atrás*, ou seja, num período anterior ao momento de fala.

(48) [...] os desfôros que tem havido estes annos atrás. (Garrett: Teatro, CdP)

É somente no século XX que o intervalo de perfeito abrange, em regra geral, o momento de enunciação e permite também uma implicatura que abre a perspectiva para o futuro, conferindo, dessa maneira, uma tendência caracterizante à nossa forma (tal como já frisamos no cap. 2). Remeto ao exemplo seguinte, o qual tematiza uma “atitude pensante” que perdura, visto que a forma verbal indica que o falante ainda está na Microsoft no momento da fala e – isto por inferência pragmática – vai continuar por enquanto:

(49) Esta é uma questão que tenho pensado muito ao longo de 7 anos que tenho estado na Microsoft [...] (Pt:Intrv:Web, Carlos Lacerda, CdP)

4.4. Digressão: dinâmica evolutiva e variação diatópica

Para terminar o estudo da trajetória evolutiva do PPC, gostaríamos de comentar brevemente outro tipo de variação, nomeadamente as diferenças diatópicas entre o português brasileiro e o português europeu. Em geral, tem-se a impressão de que o avanço da semântica inovadora do PPC se dá a um ritmo muito diferente nos dois subsistemas maiores do português.

Para comprovarmos esta impressão, pesquisamos a frequência do PPC em comparação com o PPT em contextos universais marcados pelo advérbio *sempre* (*sempre fiz* vs. *sempre tenho feito*) e em contextos resultativos sinalizados pelo advérbio *já*, levando em consideração o fator diatópico (ou seja, o português brasileiro em contraste com o português europeu).

Em geral, merece atenção – em termos relativos – a forte presença do PPS em contraste com o rendimento muito limitado do PPC no sistema verbal da língua portuguesa. O que se revela ainda mais interessante é uma ocorrência menor do PPC em relação ao PPS na variante brasileira (que representa somente 45% por cento das ocorrências totais do PPC), o que sinaliza um aproveitamento um tanto mais limitado da forma no português do Brasil. A tabela 4 resume os resultados do levantamento e mostra também (com base no teste chi-quadrado) que a diferença das proporções do PPC entre o PB e o PE é estatisticamente significativa, com $\chi^2 = 85,3$.

	PPS	PPC	Relação PPS:PPC
Brasil	256034 ¹³	3395	98,7%: 1,3%
Portugal	252036	4143	98,4%: 1,6%

Proporção do número total de ocorrências do PPC: BP 45% : PE 55%, $\chi^2 = 85,3 > 3,84$

Tabela 4. Contraste do peso funcional PPS vs. PPC (no PB e PE)

¹³ Como o número total dos itens diverge ligeiramente nos sub-corpora do português europeu (10,5 milhões) e do português brasileiro (vs. 10,3 milhões) normalizamos os resultados para 10 milhões

Passemos agora à questão da presença das leituras tradicionais do PPC – a universal (com *sempre*) e a resultativa (com *já*) – nos subsistemas do português: uma pesquisa realizada com base no *Corpus do Português* (que permite aproveitar da função de busca de colocações) evidencia as seguintes tendências:

O emprego do PPC numa leitura universal pode ser caracterizado como “residual” no português do Brasil (com somente 1,4% de ocorrências) e este é bem limitado no caso do português de Portugal (com 3,5%). Salienta-se, porém, que a frequência da leitura universal é três vezes maior no português europeu, diferença que se revela estatisticamente significativa num teste χ^2 (com $\chi^2 = 18,33 > 3,84$). Estes resultados atestam, portanto, a permanência mais acentuada de um traço arcaizante nos empregos do PPC no subsistema europeu.

Esta tendência parece ser contrariada, em parte, pelos resultados obtidos na busca de contextos resultativos com o advérbio *já*. O emprego do PPC numa leitura resultativa se tornou também marginal no século XX, mas neste caso as divergências quantitativas entre as variedades são mínimas, com um peso levemente maior dos usos resultativos no português do Brasil (com 55% a 45%). Porém, o teste de χ^2 demonstra que as diferenças observadas são desprovidas de significância estatística (com $\chi^2 = 0,34 < 3,84$).

Para resumir, podemos destacar que as leituras universal e resultativa passaram à periferia da categoria do PPC, mas com uma persistência ligeiramente mais acentuada da leitura universal no português europeu.

	sempre PPS	sempre PPC	Relação PPS:PPC
Brasil	1866 ¹	26	98,6%:1,4%
Portugal	2047	73	96,5%:3,5%

Proporção (sempre + PPC): PB 26% : PE 74%, $\chi^2 = 18,33 > 3,84$

Tabela 5. A leitura universal no português do Brasil e no português europeu (século XX)

	já PPS	já PPC	Relação
Brasil	6049 ¹	109	98,2%:1,8%
Portugal	5307	88	98,4%:1,6%

Proporção (já + PPC): PB 55% : PE 45%, $\chi^2 = 0,34 < 3,84$

Tabela 6. A leitura resultativa no português do Brasil e no português europeu (século XX)

5. RESUMO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

5.1. Considerações da semântica do protótipo sobre a mudança linguística (modelo de Geeraerts)

Neste capítulo vamos avaliar até que ponto as considerações de Dirk Geeraerts sobre a mudança semântica estão em condições de capturar os complexos resultados do nosso estudo da evolução do PPC. Lembramos que Geeraerts conseguiu demonstrar a relevância e a pertinência dos pressupostos da teoria dos protótipos para uma teoria de mudança semântica no seu famoso livro sobre *Diachronic Prototype Semantics* (Geeraerts 1997, vd. também Geeraerts 2010). Se Geeraerts se centrou basicamente em categorias léxicas, o linguista Jan Goes, ao tomar como exemplo a categoria dos adjetivos, mostrou de maneira convincente a aplicabilidade destes pressupostos teóricos a categorias gramaticais e, em particular, a relevância para a descrição da sua estrutura interna (Goes 1999). Combinando as duas abordagens – a diacrônica de Geeraerts e a gramático-categorial de Goes – podemos afirmar que as categorias gramaticais se organizam (tal como as lexicais) de acordo com princípios de *prototipicalidade*¹⁴. Isto significa que as categorias gramaticais possuem uma estrutura interna claramente diferenciada que se distingue por um conjunto (*cluster*) de leituras relacionadas entre si e articuladas em torno de um significado (ou seja, uma lei-

¹⁴ Cf. a caracterização do princípio de prototipicalidade em Geeraerts (1997: 10s.) e Geeraerts (2010: 2654s.).

tura) central. Esta leitura central desempenha a função de protótipo da categoria e se destaca pelo seu maior peso em termos de frequência e de saliência. Estas duas características fazem com que os falantes associem o significado da categoria, em primeiro lugar, a esta leitura prototípica. Além disso, os falantes sabem diferenciar entre leituras (mais) centrais e (mais) periféricas associadas à categoria. As diferentes leituras, mesmo estando interrelacionadas entre si, não compartilham necessariamente um traço semântico comum que abrange toda a categoria, mas elas podem, isso sim, se sobrepor localmente de maneira a constituir uma rede entrecruzada de traços semânticos comuns, conforme ao princípio *wittgensteiniano* das “semelhanças de família”¹⁵.

Para além disso, a abordagem da semântica dos protótipos sustenta que os limites entre as categorias gramaticais (em competição) não estão claramente delimitados (*non-discreteness*), mas sim, vagos ou bem difusos (*fuzzy edges*).

Sob uma perspectiva diacrônica, Geeraerts, baseando-se numa série de estudos empíricos da mudança lexical em neerlandês e inglês¹⁶, afirma que as leituras (mais) centrais se mantêm mais estáveis ao longo do tempo do que as leituras (mais) periféricas que, em regra geral, não persistem na dinâmica diacrônica. Além do mais, as mudanças linguísticas são tipicamente vinculadas a “modulações” das leituras centrais e, ao mesmo tempo, a “flutuações” nos limites categoriais de categorias em concorrência¹⁷. Finalmente, Geeraerts mantém que uma mesma mudança linguística pode surgir em diferentes momentos da – ou seja, repetidas vezes na – evolução de uma categoria de modo que estamos muitas vezes perante um caso de poligénese de uma mudança linguística ao longo do tempo¹⁸.

Embora seja possível questionar os postulados de Geeraerts, criticando que o linguista neerlandês tire conclusões generalizantes de um número bem limitado de estudos de caso realizados por ele, as suas generalizações não deixam de possuir um valor heurístico que queremos explorar para sistematizar e interpretar os resultados do nosso estudo diacrônico. Em qualquer caso, temos de avaliar até que ponto se verificam os princípios de prototipicalidade expostos pelo linguista neerlandês com respeito ao desenvolvimento do PPC na língua portuguesa. Portanto, vamos, no último capítulo, resumir os nossos resultados e discutir se podemos encaixá-los no modelo da mudança linguística proposto por Geeraerts.

5.2. Resumo e interpretação dos resultados do estudo dentro do paradigma da semântica do protótipo (dentro do modelo de Geeraerts)

A evolução semântica do PPC é um caso da mudança de uma categoria linguística lenta e gradual que se produz entre o século XV e o século XX. Trata-se de um caso exemplar que ilustra as diferentes etapas, assim como as distintas circunstâncias de um processo de mudança linguística complexa:

Vimos que, numa primeira fase, se especializou uma leitura inovadora no seio da leitura resultativa, que constituiu o centro da categoria do PPC. Caracterizamos esta extensão da leitura resultativa como *sumativa*. A leitura sumativa se dava especialmente com verbos durativos (*realizações e accomplishments*) e surgiu em interação com elementos do cotexto, entre eles, as propriedades dos argumentos, indicações adverbiais temporais e quantificação de eventos. No início esta leitura sumativa não era prominente, mas deduzível com base na informação semântica proporcionada pelo co-texto.

Numa segunda fase, observamos a cristalização de um subtipo que nasceu em interação com verbos não durativos (nomeadamente, de *achievement*). Este subtipo se caracterizava por sua semântica incrementativa, que tinha como foco a acumulação crescente dos resultados de

¹⁵ Os membros de uma família não compartilham todos os traços entre si mas os diversos membros se assemelham por traços diferentes, p. ex. o membro A partilha com membro B os traços a, b, d, o membro B com membro C os traços b, d, e, o membro A se assemelha ao membro C por c e e, etc.

¹⁶ Cf. os famosos estudos sobre a categoria *legging* e a evolução semântica do verbo neerlandês *vergrijpen* em Geeraerts (1997: 32ss. e 47ss.).

¹⁷ Cf. as hipóteses (ζ), (η) e (θ) em Geeraerts (1997: 23ss.).

¹⁸ Geeraerts (1997: 62ss.).

cada estágio de um processo. Foi somente depois que os verbos estativos entraram também nessa dinâmica evolutiva.

Numa terceira fase, a frequência dos fenômenos desempenhou um papel primordial na dinâmica evolutiva. A leitura sumária chegou a conquistar novos contextos e se propagou para os textos de alguns autores como, por exemplo, as cartas de Vieira e de Chagas (no século XVII). Encontramos também, no final do século XVI, um único (!) – e ao que parece o primeiro – exemplo da combinação de *muitas vezes* com o PPC¹⁹ no *Corpus do Português* que representa a leitura prototípica da nossa forma na atualidade, ou seja, a leitura iterativa. São outra vez os autores do século XVII, especialmente o Padre Antônio Vieira nas suas *Cartas* e Fernão Mendes Pinto na *Peregrinação* , que elaboram de maneira sistemática esta nova leitura, valendo-se de expressões adverbiais do tipo *muitas vezes* , *tantas vezes* ou *algumas vezes* para marcar a iteração indeterminada. Ao mesmo tempo, vislumbra-se nesse mesmo século a oposição semântica entre o PPC e o PPS nos contextos iterativos que se irá manter (com matizações)²⁰ até o século XX: o PPS sempre inscreve uma série indeterminada de eventos num intervalo de referência desligado do momento de fala, como no exemplo seguinte, no qual a ocorrência atual de um tipo eventivo contrasta com a série anterior:

- (50) Enfim aqui estou, e aqui estive tantas vezes para morrer [...] (Vieira: Cartas, CdP)

O PPC, pelo contrário, remete a um série de ocorrências cujo intervalo de referência ainda não está fechado no momento de fala, visto que ainda continua sendo relevante. No exemplo seguinte, o falante retoma a série de ocorrências passadas, para acrescentar uma nova ocorrência do tipo eventivo em questão.

- (51) O remédio de tudo é um só, e muito fácil, e que muitas vezes tenho representado a V. M., e é que V. M. resolutamente mande fechar a porta a todo o requerimento [...] (Vieira: Cartas, CdP)

Numa quarta fase, as leituras inovadoras tornaram-se dominantes e iniciou-se um processo que relegava as leituras tradicionais para o segundo plano. Este processo se expandiu ao longo do século XX. Além disso, nesse período se deve ter estendido o intervalo de perfeito até o momento da fala e mais adiante, conferindo um cunho caracterizante ao PPC iterativo. A expressão prototípica que abriu o caminho para uma leitura iterativa com tendência caracterizante, ou seja *ultimamente* , não entra em cena antes dos finais do século XIX²¹ e exclui, por enquanto, o momento de fala como atesta o exemplo (52).

- (52) [...] no português também estou bem preparado, porque ultimamente tenho estudado com esperança de um concurso. (Azevedo: Memórias, CdP)

Ainda no século XX mantiveram-se as leituras universais e resultativas, mas agora como empregos marginais ou, inclusive, residuais, que chegaram a constituir a periferia da categoria.

Ressaltamos também que todo este processo evolutivo se desenrolou dentro de uma margem de variação impressionante: queremos lembrar somente a presença simultânea de leituras inovadoras e tradicionais em autores como Vieira e Chagas, mas também – já no século XIX – em Garrett e Alencar. Houve também defensores – claramente conservadores – de um uso de uma leitura exclusivamente tradicional da nossa forma, tais como Bluteau, erudito apoiado, aliás, pela gramaticografia do seu tempo, como demonstram as explicações da *Gramática Universal* de Soares Barbosa sobre o assunto (cf. Barbosa 2013/[1822]: 205).

¹⁹ Veja-se o primeiro exemplo, tirado da crônica sobre o Japão de Frois: “[...] respondo Monica: “Eu vos tenho pedido muitas vezes que ouvisseis as couzas de Deos e vos fizesseis christã [...]” (Frois: Japam2, CdP). Note-se que, entre os séculos XIV e XVI, o uso do PPS com as expressões *muitas* , *tantas* e *quantas vezes* é exclusivo (com 158 abonações em total no CdP), o que corresponde à nossa reconstrução da trajetória do PPC

²⁰ Sobre a questão da abrangência do intervalo temporal, que contém as diferentes instâncias de uma determinada eventualidade em avaliação, vejam-se as páginas 31s. e 37.

²¹ Vejam-se os 8 exemplos tirados das obras de Eça de Queirós, Aluísio Azevedo e Machado de Assis no *Corpus do Português* .

Finalmente apreciamos também divergências variacionais entre o português brasileiro e o português europeu. Vimos que no Brasil se explora menos a forma do PPC em termos relativos em relação ao PPS. Ao mesmo tempo, tornaram-se salientes, não somente a marginalidade dos usos universais e resultativos no Brasil e em Portugal, mas também uma presença destacadamente maior (de 1 a 3 (!)) da leitura universal (marcada pelo advérbio quantificador *sempre*) no português europeu.

O conjunto dos fenômenos relacionados à mudança linguística atesta a dinamicidade, a heterogeneidade e a não simultaneidade desse processo evolutivo, com concorrências e presenças simultâneas de leituras tradicionais e inovadoras. São exatamente estes três aspetos – a dinamicidade, a heterogeneidade e a não-simultaneidade – que justificam uma interpretação das evoluções com base no paradigma da semântica do protótipo diacrônica, como veremos no último parágrafo do nosso artigo.

Efetivamente, as etapas da trajetória evolutiva ilustram de maneira ideal o deslocamento do centro prototípico da categoria PPC que passa de uma leitura resultativa (focalizando o estado posterior de um evento singular) a uma leitura iterativa, atravessando fases intermediárias, tais como a leitura sumativa e a leitura incrementativa.

O processo de mudança linguística se inicia no centro da categoria e se realiza como extensão, e, mais especificamente, como extensão sumativa, da leitura central, ou seja, da resultativa. Este processo se propaga de maneira lenta e gradual, envolvendo um grupo acional depois do outro. Como vimos no nosso detalhado estudo, a dinâmica evolutiva atinge primeiro, ainda num momento precoce, as *realizações* e *accomplishments*, depois os *verbos incrementativos* e, num momento já mais avançado, os *achievements* e as *expressões estativas*. Sem dúvida a semântica dos protótipos diacrônica não está em condições, nem de fazer previsões sobre trajetórias concretas da mudança linguística, nem de avançar princípios e mecanismos específicos que possam motivar estas trajetórias. O que a semântica dos protótipos diacrônica pode capturar, isso sim, em relação às evoluções, é a não-simultaneidade das evoluções, assim como a presença simultânea de leituras tradicionais e inovadoras, seja na mesma comunidade de falantes, seja no próprio falante individual, que, como Vieira e muitos outros autores, recorrem a leituras tradicionais e inovadoras, inclusive num mesmo texto. É, em particular, a noção de prototypicalidade que constitui o princípio motivador da presença simultânea e da heterogeneidade de leituras semânticas, tanto no seio de uma comunidade de falantes, quanto num falante individual: os falantes manuseiam categorias compostas de várias leituras (em interação com determinadas propriedades cotextuais), atribuindo a estas leituras posições diferentes, ou seja, diferenciando entre leituras mais ou menos centrais ou periféricas.

Na dinâmica diacrônica deve ter havido um momento no qual um número importante de falantes começou a identificar e interpretar as leituras inovadoras da nossa categoria como leituras centrais, relegando as outras leituras – cada vez mais – a uma posição marginal ou residual. Este processo, como mostrou nosso estudo, abrangeu um período muito prolongado, visto que a imposição das leituras inovadoras e a marginalização das leituras tradicionais do PPC ainda não estava terminada no final do século XIX, mas somente chegou a se consumir plenamente ao longo do século XX. Lembramos, nesse contexto, mais uma vez o fato que as leituras universal e resultativa do PPC, mesmo sendo periféricas no século XX, persistem como opção marginal no subsistema verbal e conservam, pelo menos para uma pequena minoria dos falantes, o *status* de uma leitura acessível dentro da categoria verbal sob exame. Este último aspeto, o *status* residual do PPC em contextos universais (com o advérbio *sempre*) e, ainda mais residual, em contextos resultativos (com o advérbio *já*) lança também luz sobre um segundo pressuposto importante do paradigma da semântica dos protótipos, ou seja, o caráter difuso dos limites entre categorias (em concorrência).

Especialmente, a leitura universal do PPC constitui um caso limite na transição entre o Pretérito Perfeito Simples (PPS) e o PPC e reflete – de maneira ilustrativa – a passagem diacrônica de uma leitura (ou “significado”), que vai de uma zona dentro de uma categoria A (no nosso caso do PPC) a uma outra zona dentro de uma categoria B (do PPS), num processo de reorganização categorial ao longo do tempo.

Vemos, portanto, que o paradigma da semântica do protótipo capta vários momentos do processo evolutivo que acabamos de analisar em nosso artigo: a presença simultânea de distintas leituras da categoria sob exame, o que se repercute no grande leque de variação textual (menos estudado nesta contribuição), individual (idiolectal) e diatópica (divergências entre o português europeu e brasileiro); também o deslocamento do centro prototípico de nossa categoria e sua reorganização, com leituras (mais ou menos) centrais e (mais ou menos) periféricas; e, finalmente, o caráter vago ou difuso dos limites categoriais, o que se revela na flutuação da leitura universal (*sempre p*) entre a categoria do PPC e a categoria (hoje dominante) do PPS.

Não podemos deixar de comentar os limites do enfoque da prototipicidade: o paradigma da semântica do protótipo diacrônica não consegue explicar os princípios, os mecanismos e a direção da mudança linguística e, mais especificamente, da mudança categorial. Trata-se, no conjunto, de uma teoria marco, que capta importantes princípios de organização interna de categorias (também gramaticais) e de sua reorganização na dinâmica diacrônica. Porém, as particularidades dessa dinâmica requerem um estudo mais refinado, o que tentamos avançar na presente contribuição.

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito os comentários críticos e úteis aos revisores anônimos que contribuíram de maneira significativa para a evolução do texto original. Igualmente agradeço muito a revisão do texto à professora Beatriz Medeiros Silva, Universidade de Colônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Algeo, James E. (1976): "The Portuguese Present Perfect", *Luso-Brazilian Review* 13, 194-208.
- Ali, Manoel Said (1957⁵): *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- Almeida, Maria Elisete (2003): "Le 'prétérito parfait' du portugais en discours et en récit", en Céline Benninger / Anne Carlier / Véronique Lagae (eds.), *Temps et texte*. Valenciennes: Presses universitaires de Valenciennes, 71-82.
- Becker [2015]: "Das Pretérito Perfeito Composto – ein Perfekt? Zur Semantik und Diachronie der ter + Partizip-Konstruktion", en Mathias Arden / Benjamin Meisnitzer / Elissa Pustka (eds.), *Zwischen Sprechen und Sprache*. Frankfurt am Main: Lang (no prelo).
- Barbosa, Jeronymo Soares (2013/[1822]): *A Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa*. Edição Crítica, Estudo e Notas de Sónia Catarina Gomes Coelho. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1986): "L'opposition du portugais 'prétérito parfait simple' – prétérito parfait composé': un cas singulier dans l'ensemble des langues romanes", en Jean-Claude Bouvier (ed.), *Actes du XVII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Aix-en-Provence, 29 août-3 septembre 1983), vol. 4. Aix-en-Provence: Publications Université de Provence, 409-422.
- Campos, Maria Henriqueta Costa (1987): "O pretérito perfeito composto: um tempo presente?", en *Actas do III Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Outubro 1987)*. Lisboa: APL / Colibri 75-85.
- Davies, Mark / Michael Ferreira (2006-): *Corpus do Português: 45 million words, 1300s – 1900s*. <http://www.corpusdoportugues.org>.
- Gärtner, Eberhard (1998): *Grammatik der portugiesischen Sprache*. Tübingen: Niemeyer.
- García Martín, José María (2001): *La formación de los tiempos compuestos del verbo en español medieval y clásico*. Valencia: Universitat de València.
- Geeraerts, Dirk (1997): *Diachronic Prototype Semantics*. Oxford: Clarendon Press.
- Geeraerts, Dirk (2010): "Cognitive Approaches to diachronic semantics", en Claudia Maienborn / Klaus von Heusinger / Paul Portner (eds.), *Semantics*. Berlin / New York: De Gruyter, 2652-2675 (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 33.3).
- Goes, Jan (1999): *L'adjectif. Entre nom et verbe*. Paris / Bruxelles: Duculot.
- Harre, Catherine E. (1991): *Tener + Past Participle: A case study in linguistic description*. London: Routledge.

- Harris, Martin (1982): "The 'past simple' and the 'present perfect' in Romance", en Nigel Vincent / Martin Harris (eds.), *Studies in the Romance Verb*. London: Croom Helm, 42-70.
- Hundertmark-Santos Martins, Maria Teresa (1982): *Portugiesische Grammatik*. Tübingen: Niemeyer.
- Ilari, Rodolfo (2001²): *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Ed. Contexto.
- Irmen, Friedrich (1966): "O pretérito composto em português", *Revista de Portugal* 31, 222-238.
- Moscoso Mato, Eduardo (2000): *Os tempos compostos no galego medieval*. Santiago de Compostela: Universidade.
- Oliveira, Fátima (2003): "Tempo e Aspecto", en Maria Elena Mira Mateus et al. (eds.), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 127-178.
- Oliveira, Fátima / António Leal (2012): "Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu", *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 7, 65-88.
- Oliveira, Fátima / Ana Lopes (1994): "Tense and Aspect in Portuguese", en Rolf Thieroff et al. (eds.), *Tense Systems in European Languages*, vol. 2. Tübingen: Niemeyer, 95-116.
- Paiva Boléo, Manuel de (1936): "O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas", en *Cursos e Conferências*, Vol. VI, *Suplemento ao vol. XIII do Boletim da Biblioteca da Universidade*. Coimbra: Biblioteca da Universidade, 124-266.
- Santos, Diana (2008): "Perfect Mismatches: 'Result' in English and Portuguese", en Gunilla Anderman / Margaret Rogers (eds.), *Incorporating Corpora: The Linguist and the Translator*. Clevedon / Buffalo, 217-242.
- Schäfer-Prieß, Barbara (1996): „Das pretérito perfeito composto in den frühen Portugiesischgrammatiken“, en Annette Endruschat / Eberhard Gärtner (eds.), *Untersuchungen zur portugiesischen Sprache*. Frankfurt am Main: TFM, 29-45.
- Schmitt, Christina (2001): "Cross-Linguistic Variation and the Present Perfect: The case of Portuguese", *Natural Language & Linguistic Theory* 19, 403-453.
- Smith, Carlota S. (1997): *The Parameter of Aspect*. Dordrecht / Boston / London: Kluwer.
- Squartini, Mario / Pier Marco Bertinetto (2000): "The Simple and Compound Past in Romance Languages", en Östen Dahl (ed.), *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin: De Gruyter, 403-439.
- Sten, Holger (1973): *L'emploi des temps en portugais moderne*. Kopenhagen: Munksgaard.
- Suter, Alfred (1984): *Das portugiesische Pretérito Perfeito Composto*. Bern: Francke.
- Vendler, Zeno (1967): *Linguistics in philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.
- Wigger, Lars-Georg (2005): *Die Entwicklungsgeschichte der romanischen Vergangenheitstempora am Beispiel des Pretérito Perfeito Composto im Portugiesischen*. Dissertation Universität Tübingen, 2004 (Edición electrónica).
- Wigger, Lars-Georg (2006): „Die Entwicklung des PPC: *haver* und *ter* als temporale Hilfsverben“, en Rolf Kemmler / Barbara Schäfer-Prieß / Axel Schönberger (eds.), *Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgeschichtsschreibung*. Frankfurt am Main: Domus Ed. Europea, 267-288.

